

A CASA TOMBADA

Centro de Estudo, Pesquisa e Experimentação
em Arte, Educação e Linguagem

FACONNECT

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE PÓS
GRADUAÇÃO LATO SENSU: PEDAGOGIA DAS
MIUDEZAS NA EDUCAÇÃO DAS INFÂNCIAS:
SOBRE EPISTEMOLOGIAS, UTOPIAS E
TEIMOSIAS, REALIZADO PELO PÓLO A CASA
TOMBADA - CENTRO DE ESTUDO, PESQUISA E
EXPERIMENTAÇÃO EM ARTE, EDUCAÇÃO E
LINGUAGEM, DA FACONNECT - FACULDADES
INTEGRADAS

DEBORA COSTA

AS INFÂNCIAS E AS MANIFESTAÇÕES POPULARES:
UM OLHAR SOBRE O TERREIRO DAS INFÂNCIAS

2025

RESUMO

Este ensaio surgiu do anseio de compreender a presença — e, sobretudo, as ausências — das manifestações populares na educação infantil, bem como o modo como tais práticas afetam profundamente a formação dos indivíduos e sua integridade plena. Partindo do campo da educação infantil, mas também dialogando para além dele, entende-se que este aspecto cultural diz respeito a saber quem somos e como isso está intrinsecamente ligado à nossa história, à ancestralidade e aos povos que abriram caminhos para que hoje pudéssemos seguir caminhando e existindo no mundo. Ao longo do projeto, busca-se adentrar algumas das múltiplas camadas relacionadas ao processo formativo presente nas infâncias, evidenciando como tais manifestações são percebidas na sociedade e analisando seus atravessamentos nos currículos, nas práticas pedagógicas e nas relações estabelecidas entre educadores, estudantes e comunidade. Ao problematizar essas questões, pretende-se contribuir para o reconhecimento das manifestações populares como parte essencial do processo formativo, ampliando os horizontes da educação e fortalecendo a construção de uma identidade cultural plural e democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias. Manifestações Populares. Ancestralidade. Brasil

Profundo.

ABSTRACT

This essay arose from the desire to understand the presence — and, above all, the absence — of popular manifestations in early childhood education, as well as the ways in which such practices profoundly affect the formation of individuals and their full integrity. Starting from the field of early childhood education, yet also engaging in dialogue beyond it, it is understood that this cultural aspect concerns knowing who we are and how this is intrinsically connected to our history, our ancestry, and the peoples who opened paths so that we might continue walking and existing in the world today. Throughout the project, the aim is to delve into some of the multiple layers related to the formative processes present in childhoods, highlighting how such manifestations are perceived in society and analyzing their intersections within curricula, pedagogical practices, and the relationships established among educators, students, and the community. By problematizing these issues, the intention is to contribute to the recognition of popular manifestations as an essential part of the formative process, broadening the horizons of education and strengthening the construction of a plural and democratic cultural identity.

KEYWORDS : Childhoods. Popular manifestations. Ancestrality. Deep Brazil.

*Que a coragem nos venha para viver toda a inteireza de ser brasileiro e pisar nesse
chão descalço, para descobrirmos nossas raízes juntos.*

O TERREIRO DAS INFÂNCIAS

Um ensaio sobre cultura e infâncias

Este ensaio surgiu do anseio de compreender a presença — e, sobretudo, as ausências — das manifestações populares na educação infantil, bem como o modo como tais práticas afetam profundamente a formação dos indivíduos e sua integridade plena. A partir, através e para além do campo da educação infantil, visa-se entender que este aspecto cultural diz respeito a saber quem somos, e como isto está intrinsicamente ligado às nossa histórias, ancestralidade e aos povos que abriram os caminhos para que hoje pudéssemos seguir caminhando e sendo pelo mundo.

Dentre tantos questionamentos e atravessamentos, um dos fios condutores deste ensaio parte do Sankofa, conceito da cultura do povo Akan, das regiões de Gana e Costa do Marfim, cujo adinkra¹ é representado por um pássaro que voa para frente, mas mantém a cabeça voltada para trás, segurando um ovo no bico. Esse conceito propõe resgatar o passado para orientar o presente. É através deste fio condutor que se busca compreender e valorizar as raízes culturais e históricas presentes nas manifestações populares no processo formativo da criança, de modo que o aprendizado não se restrinja apenas a saberes técnicos, mas envolve também identidade, pertencimento e memória.

Nesta roda de *Batuques*² sobre infâncias, iremos ouvir batucadas de mestres e mestras, pesquisadores, cantores, autores e escritores que cantam e batucam sobre as infâncias e saberes presentes nas manifestações populares que permeiam a vida que passou, passa e vem passando desde então de gerações e gerações.

¹ Adinkra são ideogramas (símbolos) originários do povo Akan, especialmente os Ashanti, de Gana, África Ocidental, que representam sabedoria, valores morais, provérbios, e conhecimento sobre a história e a vida.

² O livro *Batuque*, de Stela Barbieri, utiliza o termo “batuque” para descrever a roda de diálogo sobre arte, educação e vida, realizada entre pesquisadores da infância, artistas e arte-educadores.

***Eu vim de lá, pequenininho*³**

*Eu vim de lá, eu vim de lá, pequenininho
Mas eu vim de lá, pequenininho
Alguém me avisou
Pra pisar neste chão devagarinho
Alguém me avisou
Pra pisar neste chão devagarinho, eu vim de lá*

Dona Ivone Lara

O batuque sobre as infâncias começa no toque de Dona Ivone Lara, que canta de onde vem e convida a pisar neste chão: o terreiro das infâncias. Terreiro que carrega em si sua raiz etimológica oriunda do latim *terrarium*, derivado de terra — “chão”, “solo” — acrescido do sufixo *-arium*, indicativo de lugar. Desde seu primeiro sentido na língua portuguesa em que nomeava espaços abertos de chão batido, quintais, pátios ou campos de convivência, até chegar ao significado sagrado nas religiões de matriz africana, como Umbanda e Candomblé, o termo guarda a força de um espaço de *encontros*. Preserva, assim, a ideia original de “lugar da terra”, mas se amplia como território de memória, ancestralidade e vivência comunitária, onde se entrelaçam dimensões espirituais, culturais e sociais. Nessa perspectiva, pensar o terreiro nas infâncias é reconhecer que esse espaço através e para além do religioso, é também formativo, educativo e cultural.

O chão onde se pisa é também o chão onde se tece o sagrado, ao lugar de pertencimento, encontro e resistência. Neste chão onde o saber acontece no corpo. O corpo que pisa na terra para descobrir os sentidos; e degusta com as mãos, olhos e boca os sabores do caminho. Corpo com pés, que mesmo antes de andar, sabem sacudir e dançar com os batuques que cirandam em volta da vida. Corpo com ouvidos que encontram tudo, e os olhos que se encantam em cada encontro. Este é o corpo de mãos que pintam o mundo com diferentes caminhos de linhas finas, tortuosas e firmes feitos com muita terra, tinta, sabor, afeto e areia. A escuta guia todos os seus caminhos,

³ Samba “Alguém me avisou” de Dona Ivone Lara.

e, mesmo antes das falas da língua, balbucia e canta todos os cantos de suas descobertas.

É no terreiro da infância que a roda se abre inteiramente para o nascimento do encontro do corpo com o mundo. É na gira que o encontro acontece, assim como nos diz Nego Bispo “nós somos a gira, da gira, na gira”.

Inerente ao convite, Dona Ivone Lara nos atenta ao cuidado ao pisar neste terreiro, cantando “alguém me avisou pra pisar neste chão devagarinho”. O cuidado aqui se apresenta em entender que neste chão, onde o encontro acontece, existem tantas miudezas e minúcias que se passam despercebidas se não entrarmos descalços para ver, ouvir e sentir o que está à nossa volta. É se despir de todo poder vestido de conhecimento e estar vulnerável para descobrir junto.

Ao adentrar o campo das infâncias, somos convocados a enxergar a imensa pluralidade que a ocupa, tanto nas múltiplas formas de se comunicar consigo e com o outro, quanto na diversidade de infâncias que pisam neste terreiro: ribeirinhas, quilombolas, indígenas, afro-brasileiras, urbanas, africanas, asiáticas e tantas outras que se espalham pelo mundo, compondo uma sinfonia de saberes, experiências e pertencimentos.



Comunidade Indígena Panará (PA). Brincando de Pião de tucumã ou de cabaça.

Fonte: Território do Brincar (Renata Meirelles)

O cuidado em trazer as infâncias no plural é crucial, pois orienta o atravessamento deste campo e fundamenta a compreensão de um conceito que se desdobra em múltiplas formas de existir, moldadas pelos contextos sociais, culturais, econômicos e históricos que cercam cada criança. Este viés plural direciona o olhar para as infâncias enxergando-as onde cada uma carrega sua maneira própria de crescer, aprender e pertencer ao mundo. Essa pluralidade se revela nos gestos do brincar, nas diferentes linguagens, nos modos de aprender e nas relações tecidas com a família e a comunidade, pois “É preciso de uma aldeia inteira para criar uma criança.” (provérbio africano).

Reconhecer as diversas infâncias, principalmente nos espaços educativos, é abrir espaço para o direito de ser, respeitando a singularidade de cada trajetória e garantir, acima de tudo, o direito essencial de ser criança em toda a sua inteireza e potência.



Acupe – Recôncavo baiano (BA). Brincando de Tamanca. Fonte: Território do Brincar (Renata Meirelles)

Neste passo em que a vida se encontra, entre sensibilidades e miudezas — as infâncias — ainda que sejam cruciais para a constituição do ser, muitas vezes têm suas experiências negligenciadas. Devido à sua efemeridade, são frequentemente menosprezadas, ocupando um espaço na compreensão social do momento considerado menos importante, e, como mera passagem de algo maior que virá, é onde se esconde a ansiedade da espera pela vida adulta e madura. É nesse contexto que o próprio termo “infantil” passa a ser usado de forma pejorativa, referindo-se aos aspectos

vazios e supérfluos da vida. O que não deixa de ser intrigante, pois não há terra com mais mistérios, perguntas e minúcias do que a terra das infâncias. Estar nessa terra demanda tanta sensibilidade e acuidade que não caberia na simplificação que a vida adulta frequentemente nos impõe.

Para discorrer sobre a formação de indivíduos, é veemente que os olhares se voltem para as infâncias, reconhecendo seu valor intrínseco e a profundidade que habita o ser em formação neste mundo. Precisamos direcionar nosso olhar e escuta para as infâncias em sua plenitude, reconhecendo-as como tempos de existência por si mesmos. Há uma ansiedade social que insiste em compreender a infância apenas como preparação para o futuro, reforçando a ideia de que “a criança é o futuro”. Essa visão, porém, apaga a criança que é agora, que sente, descobre e se transforma no presente. Como lembra Ailton Krenak, líder indígena, autor e ambientalista:

“Perguntar a uma criança o que ela quer ser quando crescer é uma ofensa. Isso é apagar o que ela já é.”

Valorizar as infâncias, portanto, é reconhecer a criança em sua existência presente, acolher suas experiências e permitir que ela seja inteira, mesmo que por pouco tempo, sem reduzi-la ao que virá. É compreender que cada instante vivido nas infâncias é, em si, um mundo de significados, aprendizagens e encontros com a vida, pois “[...] a criança é só criança, ela não pode ser outra coisa. Ela não pode se ocupar em ser outra coisa, ou ser adulto, cabe á ela viver aquele momento.” (MUNDURUKU, Daniel, 2017.)

Dentre tantos os pilares elementares para a construção sociocultural, compreender a criança em sua integridade — reconhecendo suas linguagens, suas formas singulares de se relacionar, comunicar, descobrir e se inscrever no mundo — confere firmamento de identidade, história e pertencimento às gerações de seres que são inseridos neste mundo. Cada gesto, cada pergunta e cada experiência representa uma dimensão própria do desenvolvimento infantil, rica em sentidos e significados. Direcionar o olhar e valorizar essa dimensão é permitir a percepção de aspectos frequentemente negligenciados pela lógica adulta, revelando caminhos que já existem,

até mesmo dentro de nós, mas que muitas vezes permanecem invisíveis. As infâncias, em sua existência presente, trazem consigo valores, vivências e conhecimentos que contribuem para a compreensão e a construção do mundo em que vivemos, ressaltando a importância de reconhecê-la como um tempo pleno, rico em significados e experiências próprias.



Córrego da Velha – Vale do Jequitinhonha – MG. Brincando de carrinho de reciclagem. Fonte: Território do Brincar (Renata Meirelles)



Aldeia Khikatxi – Terra Indígena Wawí – Parque Indígena do Xingu (Mato Grosso). Autor desconhecido.



Quilombo do Quingoma – Bahia. Brincando de Bacundê-bacundê. Fonte: Site Lunetas - “Brincadeiras tradicionais que conectam a ancestralidade.”

Tudo que bate é tambor, e todo tambor vem de lá⁴

“Precisa acabar com essa história de achar que cultura é extraordinária. Cultura é ordinária! Cultura é igual a feijão com arroz, é necessidade básica. Tem que estar na mesa, tem que estar na cesta básica de todo mundo. [...] A responsabilidade com a cultura é a responsabilidade com a própria vida, porque tudo é cultura! Toda a acumulação de um povo é cultura.”

Gilberto Gil (2003)⁵

Compreender como as manifestações populares e todos os seus saberes tácitos são percebidos e concebidos na sociedade é essencial para saber como a cultura vem sendo constituída. Cultura, esta que corresponde a identidade de um povo, está no ordinário da vida, onde Gilberto Gil aponta que “ A responsabilidade com a cultura é a responsabilidade com a própria vida, porque tudo é cultura! Toda a acumulação de um povo é cultura.” A cultura carrega toda a forma de vida de um povo, o que o pensador e rapper Emicida ilumina provocando a reflexão : “O que que é a cultura, mano? Se não é o jeito das pessoas viver? A possibilidade das pessoas serem elas?”.⁶

Toda a forma de vida de um povo é tecida por gestos, roupas, comidas, danças, ritos e ritmos. Ritmos de manifestações populares que contam sobre os ciclos que permeiam e são percebidos e celebrados por seus povos por diferentes viés, pois “a necessidade de observar os ciclos para organizar a vida sempre esteve presente em todas as culturas e povos.” (RIBEIRO, 2024, p.48).

O que tem acontecido, é o afastamento das manifestações populares e manutenção de celebrações vazias de seus ritos. O que tem sido uma problemática, segundo Ribeiro (2024, p. 48) “Os tempos atuais são marcados não mais por ritos e rituais, mas, sim, por *performance*, espetáculos vazios de sentido e conteúdo, que

⁴ Música “Principia” de Emicida;

⁵ Gilberto Gil em um entrevista no ano de 2003 à Reuters em Paraty (RJ) - [Link para o trecho citado](#)

⁶ Participação de Emicida na mesa "Arte e revolução" do Seminário Internacional "1917: o ano que abalou o mundo", organizado pela Boitempo em parceria com o Sesc SP.

servem apenas para fabricar mais vazio, devidamente camuflados, em uma profusão de selfies que apenas reforçam a máscara, a forma.”

Um fator predominante deste processo esvaziamento do contexto sociocultural contemporâneo é a transformação de todos os aspectos da vida em sociedade em produtos a fim de serem vendidos e ou trocados, e assim apagando toda história do povo e raízes que fundiram seu surgimento. “Nós inventamos a roça de quilombo, mas mudaram o nome e agora querem nos vender nossos saberes, nos oferecendo cursos de agroecologia e cursos de casa taipas.” (BISPO, 2023, p. 100). Tal movimento se manifesta de forma ainda mais veemente na relação da sociedade com as manifestações populares.

As manifestações possuem suas vidas e histórias, ditas e cantadas por mestres e mestras, são as filosofias e saberes ancestrais de muitos povos que estão sendo sintetizados e resumidos á festas e celebrações sem a consciência dos sentidos, ritos e ciclos que os carregam. Os saberes que a terra contou, os quais só poderiam ser concebidos e revelados com o tempo gasto junto à Ela, e na escuta atenta com o seu povo. Assim afirma Câmara Cascudo “ o primeiro é o que a própria experiência do mundo revela. [...] A cultura popular é sempre anterior.” e complementa “No que usamos, comemos, vestimos, na maneira como esboçamos um gesto ou na forma como nos divertimos, há uma colaboração anônima, que vem de milênios.” ⁷



Mulheres rendeiras. Ceará. Autor desconhecido

⁷ Luís da Câmara Cascudo, “Prefácio”, em Cáscia Frade et al., *Brasil: festa popular* (Rio de Janeiro, Livrarte, 1980), p. 8.



Cesta de Palha de Buriti Verde. Povo Indígena Warao. Autor desconhecido.

Trata-se da nossa identidade como comunidade e povo brasileiro, das terras que temos vendido onde são os lugares das nossas raízes. Nego Bispo diz que temos transformado saberes em mercadorias, e não estamos atentos á isto. Estamos apagando os saberes e os tomando para vendê-los. Nós não sabemos que o Bumba-meu-boi é originado no Egito, unindo histórias indígenas, afrodescendentes, européias, mas monetizamos este movimento e montamos um grande palco para rechearmos bolsos com os festivais. Queremos levar os Maracatus para as escolas, mas omitimos da história os reis e rainhas que foram trazidos de seus reinos. Nós gastamos todo o dinheiro com roupas brancas para pular as sete ondas na virada de ano, mas *demonizamos* as religiões afrodescendentes. Fechamos espaços exclusivos e vendemos ingressos para rodas de samba, mas ignorando a intolerância e racismo religioso velados e toda a aversão às coisas advindas de “terreiro” ou da própria palavra em si.



Caboclo de Pena. Boi de Maracanã. São Luiz (MA).2025. Fonte: Elaborado pela autora (2025)

O movimento articulado do esvaziamento dentro das manifestações, por vezes com um silêncio ensurdecedor, apaga histórias e povos, e sobre como contam sobre ciclos encontrados ao longo de seus passos e gerações trilhados pela terra. Toda história de resistência, luta e manifesto passam a ser *folclorizadas*⁸.

⁸ Lélia Gonzalez criticava a forma como as classes populares, especialmente mulheres negras e indígenas, eram representadas na sociedade brasileira. Ela apontava que, em vez de serem reconhecidas por suas contribuições reais, essas populações eram frequentemente "folclorizadas" — ou seja, reduzidas a estereótipos e representações superficiais que mascaravam sua verdadeira importância histórica e cultural.

[...] A cultura brasileira é marcada por sua africanidade. Esse processo se constitui historicamente à medida que o escravizado imprime suas marcas à cultura do dominador. ‘Se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira’ [...] ‘a gente saca que, em sua manifestação mais ou menos consciente, ela oculta, revelando, as marcas da africanidade que a constituem.
GONZALEZ, 1987, p30

[...] Muitas vezes, o olhar estudioso, educado segundo as normas de sistemas ideológicos, acaba por aprisionar, por reduzir a compreensão da riqueza cultural de tais manifestações. Sem falar do preconceito explícito, óbvio, de certas análises marcadas pelo etnocentrismo. Não é casual, aliás, o significado atribuído ao termo ‘*folclorização*’ de nossas manifestações populares.
GONZALEZ, 1987, p 46

Temos apagado os saberes e seus povos, transformando-os em mercadoria para reter lucros, sem perceber que tem mais a ver com nós mesmos e nossa história do que qualquer outra coisa, e que tais saberes antecedem a qualquer outro, assim afirma Câmara Cascudo “o primeiro é o que a própria experiência do mundo revela. [...] A cultura popular é sempre anterior.” e complementa “No que usamos, comemos, vestimos, na maneira como esboçamos um gesto ou na forma como nos divertimos, há uma colaboração anônima, que vem de milênios.”⁹

Nos deparamos com uma urgência em que todos, como um povo, devemos parar de onde estamos. Parar para *Sulear* nossos seres e sentidos. Nego Bispo diz que não sabemos da terra porque não pisamos na terra, na cidade nós asfaltamos, colocamos sapatos e analisamos o solo para saber o que e onde plantar, sendo que a terra não precisa ser analisada, isto advém de uma linguagem cósmica (BISPO, 2023). “Não é preciso fazer análises de solo porque a terra já diz o que está disposta a oferecer.” (BISPO, 2023, P.92). Além do não saber pelo próprio afastamento dos ciclos presentes nos ritos, é urgente voltarmos ao senso de comunidade¹⁰, outro fator

⁹ Luís da Câmara Cascudo, “Prefácio”, em Cáscia Frade et al., *Brasil: festa popular* (Rio de Janeiro, Livrarte, 1980), p. 8.

¹⁰ O desaparecimento dos rituais. Uma topologia do presente. HAN, B.C. (2021).

elementar na constituição da cultura, “pois estamos perdendo nossa capacidade de ritualizar, entrar em ressonância, de pensar os comuns.” (HAN, 2021.)

Precisamos tirar os sapatos e sentir o solo com suas folhas, raízes e pó entre os dedos novamente, é urgente “colocar o coração do ritmo da Terra” (KRENAK, 2022) e voltar aos ritos e rituais que nos botam de volta como seres vivos e parte Dela. Precisamos voltar à comunidade que nos chama para a roda, e sentar em volta de fogueiras para cantar, dançar e contar histórias. Este chamado vem para todos, e, ainda mais em contextos educativos, precisamos abrir nossa escuta ao que nos chama de volta aos nossos corpos, pois corpo que não vive, e não vive junto, não sabe mediar a vida. Corpo que não aprende, não ensina. Corpo que não sabe sua história, não tem história para contar, corpo que não dança, não sabe ensinar ninguém a andar. Corpo que não batuca e canta com o mundo, não sente a si mesmo.

Dentre tantas camadas da urgência para com as manifestações populares, e para conosco como povo, é determinante a conexão com a nossa própria ancestralidade que nos traz de volta à comunidade. A filosofia *ubuntu* que diz “Eu sou porque nós somos” nos imerge ainda mais na interdependência que temos uns com os outros e toda a história que tece a complexidade de um povo. A confluência deste saber ao conceito *Sankofa*, traz de volta a comunidade a sua história. Conhecer a própria história é reconectar-se à ancestralidade, fortalecer a comunidade e compreender quem somos, de onde viemos e para onde caminhamos.

Esta herança foi deixada por nossos avós ¹¹

Maranhão, meu tesouro, meu torrão
Fiz esta toada pra ti, Maranhão
No mês de Junho tem o bumbá-meu-boi
Que é festejado em louvor a São João
O amo canta e balança o maracá
A matraca e pandeiro é que faz tremer o chão
Esta herança foi deixada por nossos avós
Hoje cultivada por nós
Pra compôr tua história Maranhão
Humberto Maracanã

Foi o conceito *Sankofa* quem chegou iluminando o caminho para o batuque do terreiro das infâncias, *suleando* os pés para o começo de onde se deve partir, trazendo o passado para orientar o presente. Abrimos os cantos com Dona Ivone Lara, anunciando o chão onde se pisa — o terreiro das infâncias, e toda a reverência devida por pisar neste lugar. Então Emicida entra, limpando o terreiro, trazendo luz àquilo que antes era uma identidade dúbia, para nos lembrar que “todo tambor vem de lá”, dos cantos dos povos que reverberam toda a nossa história. A chegada do boi de Maracanã, anunciando a toada da “herança que foi deixada por nossos avós e hoje cultivada por nós”, nos envolve nesta brincadeira de boi e tradições que nos carregam e carregamos, onde somos vestidos de todos os sons, cores, movimentos, sabores e histórias que se entrelaçam e revelam nossa identidade de povo brasileiro no mundo.

Os saberes apontados em cada canto neste batuque sobre as manifestações populares e infâncias, contando sobre o que é o terreiro da infância e como a cultura é tida na sociedade, ditos por pensadores, líderes indígenas, artistas, mestres e ativistas, foram precursores desta pesquisa para entendermos quais as problemáticas que implicam a presença, e ausência, das manifestações populares na primeira infância.

¹¹ Toada de Bumba-Meu-Boi do Maranhão, “Maranhão meu tesouro meu torrão”, de Humberto Maracanã. Boi de Maracanã - Sotaque de Matraca.

Quando inseridos nesta esfera da educação da e na primeira infância, deve-se questionar todas as estruturas socioculturais que fundamentam este espaço: a língua, o espaço físico, os saberes, os mediadores (educadores), materialidades, currículo e assim sucessivamente. Ribeiro (2024, p. 49) aponta que “lançar luz sobre as ausências e limites deste sistema, seus impactos na forma como educamos novas gerações, pode, quem sabe, nos indicar caminhos e brechas para a construção de outras lógicas, outras subjetividades”. Ao que tecido ao que diz Paulo Freire, ilumina que a educação não é neutra: “A educação é uma forma de intervenção no mundo, e não pode ser neutra, pois está sempre impregnada de valores e ideologias” (FREIRE, 1996, p. 29).

Frente a tal ponto vale começar com perguntas que nos ajudem a sulear os sentidos: será que a educação que temos levado á essas infâncias está alicerçada pela *cosmopercepção* de um mundo plural, sobretudo quando falamos do território brasileiro, ou apenas fortalecendo e corroborando para a propagação de estruturas opressoras? Será que os espaços estão sendo pensados para que os corpos ali presentes tenham contato com a terra, a fim de cultivar os saberes que advém dela e de povos originários? Qual será a escuta que essas crianças estão construindo quando expostas apenas a um repertório limitado apenas em referências eurocentradas? Qual será a história que estamos contando com todas as materialidades? Que raízes queremos fortalecer? Que narrativas estamos passando às novas gerações por meio das celebrações escolares? Que memórias estão sendo privilegiadas e quais histórias ainda precisam ser contadas? ¹²

Tais perguntas precisam ser encaradas e suas possíveis respostas ensaiadas pelas escolas, pois ao não olharmos para elas corremos o grande risco de contribuir para o *desenraizamento* (RIBEIRO, 2024), o que é “caracterizado por Weil (2001) como o sentimento de não estar em casa, ou de não pertencimento, seja de um povo, uma cultura, ou história.” (RIBEIRO, 2024, p. 67). Entendendo a educação — sobretudo a educação infantil — como elemento basilar na configuração de um povo e de sua cultura, o não pertencimento presente nesse espaço direciona o processo de construção da identidade para longe de suas raízes.

¹²RIBEIRO, Bruna. *Reivindicando uma abordagem participativa com DNA Brasileiro: uma utopia em construção*. 1. ed. São Paulo: Diálogos, 2024, p. 67

Um povo que desconhece outras perspectivas históricas, não têm acesso a diferentes fontes de saberes e não compreende como se autodenominar, tende a não valorizar a própria identidade. Não é possível valorizar quem se é sem conhecer a própria origem. Não se pode olhar para o futuro, sem o passado que ilumina os passos, assim nos diz Krenak “Se há futuro, ele é ancestral.”

Por muito tempo, a educação infantil cumpriu um papel assistencialista na sociedade, enquanto os saberes das manifestações populares foram marginalizados, afastados dos espaços de poder, de decisão e de reconhecimento social. Ao aproximarmos essas camadas da sociedade, nos deparamos com campos historicamente subalternizados, especialmente no contexto do povo brasileiro. Quando levamos à pauta a educação infantil e as manifestações populares, muitas vezes ouvimos argumentos como “eles são muito pequenos” para tais inserções. Contudo, cientes de que essa aparente neutralidade da educação é ilusória, torna-se essencial questionar como a escolha em não levar diferentes perspectivas históricas, celebrações e ritos para as vivências acabam por reforçar estruturas de desigualdade e exclusão.

Dentre tantas articulações das escolas em busca de possíveis respostas e ações para com as infâncias e saberes populares, enxergar os educadores que mediam e são importantes agentes neste processo é crucial.

Compreender quais são os recortes socioculturais e formações acadêmicas e ao longo da trajetória que cada educador carrega, implica em como tal movimento de resgate da cultura transcorrerá pela escola. Precisamos lembrar que antes de educadores, e justamente por sermos educadores, carregamos valores e nossas histórias conosco. “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.” (FREIRE, 1996).

Quais foram as brincadeiras presentes nas nossas gerações? Quais são as celebrações que marcam a nossa história? Quais são os ritos e tradições que carregamos e qual o peso delas dentro de cada um? E aliás! Quais são as estruturas encontradas em nós que devem ser questionadas, ressignificadas, ou até mesmo desconstruídas para então reconstruí-las?

Estamos, educadores, pisando neste terreiro da infância junto às crianças e precisamos enxergar as nossas ausências refletidas neste lugar. Precisamos ter respeito por nós, pelas nossas histórias, histórias de povos e dessas crianças. Assim como canta Dona Ivone Lara sobre as infâncias “Eu vim de lá pequenininho, e alguém me avisou para pisar neste chão devagarinho”, temos de lembrar de onde nossos pés pisaram e aprenderam seus primeiros passos.

Convém ao educador o resgate do olhar para suas próprias raízes, pois é nelas que se sustentam as estruturas de saber e as referências culturais que carregam consigo. Compreender sua história, suas tradições e os valores que os moldaram é fundamental para atuar de forma consciente no espaço educativo. Ao reconhecer de onde vêm e quais influências os formaram, os educadores podem mediar o aprendizado das crianças de maneira mais sensível, valorizando as manifestações populares e conectando o presente à memória coletiva, fortalecendo os vínculos entre cultura, comunidade e identidade. É nesse diálogo com as próprias origens que se constrói uma prática educativa enraizada, capaz de nutrir a diversidade e inspirar futuros conscientes de sua história e de suas possibilidades.

Ao que tange à formação dos espaços acadêmicos, devemos também questionar de onde vêm os saberes e a quem pertencem. Muito, se não todos, dos saberes que circulam no cotidiano da sociedade são provenientes de saberes populares, advindos de povos originários ou da diáspora africana. Tudo o que constitui o indivíduo brasileiro é oriundo de raízes africanas, indígenas e europeias. Muito do que se encontra na língua, muitas das ramificações do tronco linguístico do continente africano, estão presentes em nossa língua — como em palavras como “dengo” e “caçula” —, e grande parte da nossa comida e costumes advém da cultura indígena.

Mediante isso, se estamos imersos continuamente e profundamente em saberes populares, por que validamos apenas os conhecimentos considerados “acadêmicos”? Por que o saber só é considerado legítimo se apresentado por escrito? Onde estão as *oralituras*¹³? Nossa formação precisa ser constantemente questionada, para que não se

¹³ “Os saberes se restituem pelas corporeidades através das oralituras, das performances, que tem o corpo como lugar da inscrição do conhecimento. O corpo como lugar de inscrição dos saberes, O corpo

torne apenas mais um suporte para a propagação de estruturas e conhecimentos eurocentrados, negligenciando todos os saberes presentes no solo brasileiro.

As manifestações populares, em si, são tecidas por saberes diversos e complexos que, devido às estruturas e formatos de produção de conhecimento presentes nos espaços acadêmicos, não se enquadram em toda a sua completude. O educador deve questionar constantemente, pesquisar e, principalmente, levar o corpo para ver, viver e ouvir o que os mestres, líderes e artesãos têm para contar sobre os saberes do mundo e do povo.

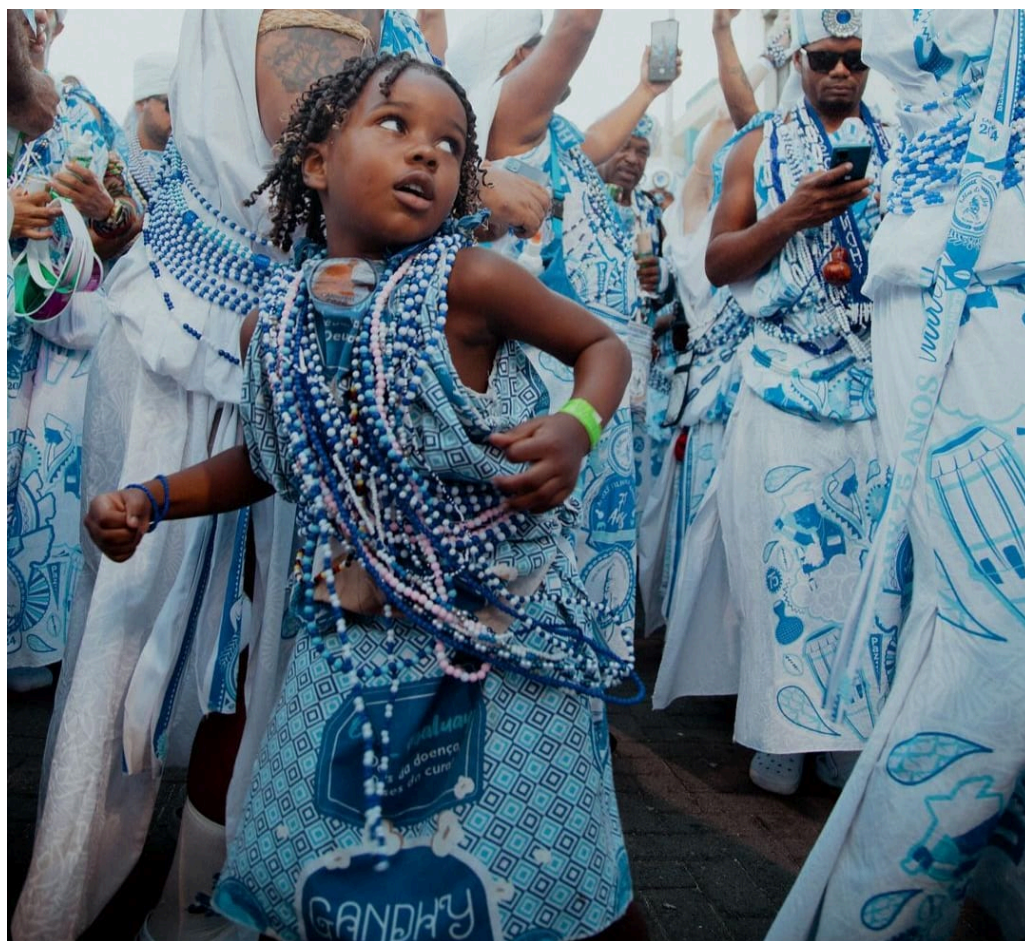
Tal corpo que busca entender as histórias não contadas e ouvir os povos, terá em si fundamentado de um outro viés do mundo, que o fará viver plenamente os processos com as crianças no terreiro das infâncias.

O desmembramento para compreensão das partes deve ser intrínseco às práticas dos educadores, pois, conscientes da história e com entendimento do contínuo movimento da vida que corre entre os saberes populares, seremos capazes de levá-los para serem vividos com as crianças, transpondo-os para este contexto sem que ocorra o apagamento da história, dos povos e de seus significados. A abordagem é também fundamental nesse processo de construção de identidade pelo viés da cosmopercepção. Nós, educadores, precisamos entender a seriedade que reside em levar as minúcias da cultura de um povo para ser vivido e apresentado às crianças, pois a forma como é apresentada implicará em como a pluralidade de identidades serão vistas ao decorrer da vida das crianças e seus encontros com ela.

Temos de reivindicar o espaço das manifestações populares na educação brasileira, principalmente na educação infantil. É inviável separar a identidade da cultura, e nem a cultura do povo. É preciso enxergar que todos os corpos envolvidos nesta ciranda da educação — crianças pequenas e crescidas — estão sendo podados, silenciados, desconectados e afastados da fonte dos saberes ancestrais, cantados e

como lugar de inscrição da memória.” MARTINS, Leda. Fala transcrita de Trajetórias, projeto do Itaú Cultural .

batucados nas manifestações populares. São saberes raízes que ramificaram e abriram caminhos para os outros saberes que vêm sendo gerados desde então.



Afoxé Filhos de Gandhi. Carnaval Baiano. Autor desconhecido.

É veemente a urgência que temos de trazer novamente os ritos e rituais a este espaço, Ribeiro afirma “Os rituais são celebrações carregadas de sentido, porque portam memórias e significações coletivas (SEGALEN, 2002) e, por isso mesmo, nos enraízam, criam sentido de pertença, criam vínculos com nossa história individual e coletiva, criam raízes com o mundo.” (RIBEIRO, 2024, p. 61) e segue dizendo que “escolas são lugares de rituais porque são lugares de vinculação, de permanência, de ação simbólica de reconhecimento e confiança. Lugar de ficar junto, de renovar o mundo comum” (RIBEIRO, 2024, p. 68). Precisamos voltar aos rituais que trazem

sentidos e o senso de comunidade, nós somos porque somos juntos. “Eu sou porque nós somos”.¹⁴



Tambor de Crioula. Boi da Floresta. (MA). Fonte: Victor Davice

No terreiro das infâncias, as manifestações populares nos enraízam. E as raízes são o que nos confere firmeza e sustentação para crescer, ramificar e abrir caminhos no mundo, sem perder a consciência de quem somos e de onde viemos. O batuque dos tambores, a cadência das cantigas de roda e o sopro das histórias contadas pelos mais velhos constituem um repertório simbólico que perpassa as dimensões ética, estética e

¹⁴ Ubuntu, vem das línguas bantu do sul da África, como zulu e xhosa, é uma filosofia de vida que enfatiza a interdependência, a solidariedade e o respeito mútuo dentro de uma comunidade.

poética da vida, revelando como as manifestações culturais populares transmitem valores, moldam sentidos de beleza e criatividade, e constroem significados fundamentais para a compreensão do mundo e da experiência humana. É nesse mergulho que a criança descobre o poder da coletividade, aprendendo que cantar e dançar em grupo é também partilhar afetos, fortalecer vínculos e reconhecer-se como parte de uma comunidade, enxergando a si mesma e o outro como partes de um mesmo mundo. Ao vivenciar essas manifestações, ela experimenta a cultura não como algo distante ou abstrato, mas como vida pulsante, presente em cada gesto, ritmo e palavra que ecoa, e constante em seu cotidiano. Tais expressões se tornam, assim, caminhos de aprendizagem e de pertencimento. Elas oferecem à criança através do brincar holístico o caminho de se enraizar em histórias que a precedem, despertando nela a consciência de que sua identidade se constrói em diálogo com o coletivo.

Preservar esse contato na primeira infância é, portanto, um gesto de resistência cultural e de cuidado com o presente, ao que está intrinsecamente ligado ao futuro. Ao oferecer às crianças a experiência das manifestações populares, não apenas garantimos que tradições e memórias não se percam, mas também cultivamos sujeitos sensíveis, criativos e conscientes de suas raízes. Trata-se de uma educação que ultrapassa os limites dos contextos escolar, que se faz no corpo, no afeto e na imaginação, formando seres humanos inteiros, capazes de crescer com os pés firmes na terra e os olhos voltados para o mundo e toda sua expansão. Afinal, deixar que a cultura popular embale a infância é permitir que o aprender seja também celebrar, que o crescer seja também recordar, e que o viver seja sempre uma dança entre passado, presente e futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Nobel, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global, 1933.

RISÉRIO, Antônio. *Cultura popular e educação: Experiências e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GONZÁLEZ, Lélia. *Festas Populares no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nêgo Bispo). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

RIBEIRO, Bruna. *Reivindicando uma abordagem participativa com DNA brasileiro: uma utopia em construção*. São Paulo: Diálogos Embalados, 2025.

BARBIERI, Stela. *Batuque*. Campinas: Binâh Editora, 2022.

MUNDURUKU, Daniel.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Leda Maria. *Trajetória*. Projeto Itau Cultural

BISPO, Nego. *Trajetórias*. Projeto Itaú Cultural

MEIRELLES, Renata. *Território do Brincar*.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 1. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral.* 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos.* 1. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

- **Álbuns Musicais**

EMICIDA. *AmarElo.* São Paulo: Sony Music, 2019.

DONA IVONE LARA. *Sorriso negro.* São Paulo: Warner Music Brasil, 1981.

HUMBERTO DE MARACANÃ. *Maranhão, Meu Tesouro, Meu Torrão.*